

## As redes sociais do Cabaré: Um recorte etnográfico acerca da prostituição feminina, gênero e sexualidade

ALVES, Fábio Lopes<sup>1</sup>

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste

### Resumo

O presente texto tem o objetivo de apresentar, através de uma narrativa etnográfica, como o corpo das garotas de programa é utilizado durante a interação social com os clientes em situações rotineiras no interior de um cabaré brasileiro. Fundamentado em referenciais teóricos antropológicos, analiso como as mulheres pesquisadas constroem suas relações cotidianas no ambiente de prostituição, focalizando especificamente os usos sociais que elas fazem do próprio corpo. Com este texto pretendo contribuir para os estudos sobre corporalidades, interações sociais, gênero e sociabilidade ao descrever os principais eventos ocorrentes nessa trama. A discussão, que aqui se apresenta de forma condensada, se constitui numa espécie de moldura das outras categorias de análises investigadas e discutidas no livro: “Noites de cabaré: prostituição feminina, gênero e sociabilidade na zona de meretrício” (ALVES, 2010).

**Palavras-chave:** Antropologia; Etnografia; Corpo; Prostituição; Interação.

**Abstract:** The present text intends to present, through an ethnographic narrative, how call girl's Body is used during social interaction with clients in routine situations within a Brazilian cabaret. Based on anthropological theoretical references, it analyzes how these women build their everyday relations in an environment of prostitution, aiming specifically on the social uses of their own bodies. This text intends to contribute to the studies on corporality, social interaction, gender, and sociability in describing the main events on this network. The discussion, which is presented here in a condensed form, can be considered a frame for other categories of analysis that were investigated and discussed in the book “Nights of Cabaret: female prostitution, gender and sociability on a prostitution area.” (ALVES, 2010).

**Keywords:** Anthropology; Ethnography; Body; Prostitution; Interaction.

### Introdução

O presente texto tem o objetivo de apresentar, através de uma narrativa etnográfica, como o corpo das garotas de programa é utilizado durante a interação social com os clientes em situações rotineiras no interior de um cabaré brasileiro. Fundamentado em referenciais teóricos antropológicos, analiso como as mulheres pesquisadas constroem suas relações cotidianas no ambiente de prostituição, focalizando especificamente os usos sociais que elas fazem do próprio corpo. Amparado na perspectiva dramaturgica de Erving Goffman, pretendo contribuir para os estudos sobre corporalidades, interações sociais, gênero e

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais e professor do Programa de Pós-Graduação (Nível Mestrado) em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

sociabilidade ao descrever os principais eventos ocorrentes nessa trama. A discussão, que aqui se apresenta de forma condensada, se constitui numa espécie de moldura das outras categorias de análises investigadas e discutidas no livro: “Noites de cabaré: prostituição feminina, gênero e sociabilidade na zona de meretrício” (ALVES, 2010).

Para tal, o texto encontra-se estruturado da seguinte forma: num primeiro momento apresento a contribuição de Marcel Mauss e as noções de técnicas corporais para este estudo. Em seguida relato o procedimento metodológico adotado para o levantamento de dados, que fundamentam esta investigação. Num terceiro momento apresento, através de narrativas etnográficas, os usos sociais do corpo que as garotas de programa fazem quando estão em interação com os clientes. Vale ressaltar que não se trata, evidentemente, de efetuar, nesse texto, um inventário minucioso sobre os usos sociais do corpo das meretrizes, mas sim, trazer apenas alguns fragmentos de uma etnografia mais ampla (ALVES, 2010), que permite inferir sobre as fronteiras simbólicas corporais (PASINI, 2000) estabelecidas pelas garotas de programa quando estão em interação social com os clientes.

### **1. O corpo como objeto de investigação**

Tomar o corpo como objeto de estudo não é novidade no campo da antropologia e sociologia. Ele sempre foi visto como um campo promissor de investigação. No entanto, foi a partir das contribuições e teorizações de Marcel Mauss, através de uma conferência proferida em 1934 na Sociedade de Psicologia e posteriormente publicada em 1936 no *Journal de Psychologie*, que os estudos sobre corporalidades ganharam contornos conceituais melhores definidos. Não obstante, segundo o sociólogo português Vitor Sérgio Ferreira, a publicação do texto de Mauss não se constitui apenas como uma homenagem a uma conferência que foi inaugural de um novo campo de análise sociológica, mas também como metáfora da necessidade de uma refundação da sociologia do corpo. Afinal, Mauss pode ser considerado um dos primeiros, senão o primeiro, a estabelecer os parâmetros teórico-metodológicos da chamada Sociologia do Corpo (2009: 01).

Foi, portanto, na década de 1930, a partir das noções de “técnicas corporais” e de “pessoa”, que esse sociólogo e antropólogo alude para a necessidade de se problematizar as diversas maneiras que homens e mulheres fazem uso do próprio corpo, que para Mauss, nada tem de natural, pois são, antes de tudo, construções culturais. Desse modo, ele chama

atenção, através do conceito de “Técnicas corporais”, para a necessidade de se problematizar como homens e mulheres em sociedade sabem tradicionalmente servir-se de seus corpos.

Vitor Ferreira, em conferência no Instituto de Sociologia da Universidade do Porto – Portugal, destacou a importância das palavras *saber tradicionalmente servir-se* de seus corpos, ao discutir as técnicas corporais em Mauss, quando esclarece:

Sublinho estas palavras na medida em que cada uma é dotada de uma importância epistemológica específica: o verbo «saber» remete para algo que se aprende, que se educa, que se socializa; o qualitativo «tradicional» remete para algo que é eficaz e que se tem por garantido por ser discretamente transmitido, por isso naturalizado; o verbo «servir-se» remete para o reconhecimento de que o corpo cumpre funcionalidades, nomeadamente sociais, sendo ele próprio um instrumento técnico, «o primeiro e o mais natural objecto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico do homem», nas suas palavras. O conceito de «técnicas do corpo» permite assim revelar os modos como esse instrumento, que é simultaneamente físico, mecânico e químico, é adaptado e se vai adaptando ao contexto e no contexto social em que vive (FERREIRA, 2009: 1-2).

Nesse contexto, problematizar a maneira como as garotas de programa utilizam-se do corpo e quais são algumas das técnicas corporais adotadas no momento de interação social têm, a partir de Marcel Mauss, ampla fundamentação teórica. Se “para toda a atitude do corpo, cada sociedade tem seu hábitos próprios” (MAUSS, 2003: 403) o mesmo é válido para o universo prostitucional, que também tem seus próprios hábitos que “ensinam” de que maneira o corpo da meretriz deve ser utilizado. É também Mauss que chama a atenção para a necessidade de se fazer um inventário e uma descrição dos usos que homens e mulheres fazem do corpo.

Na contemporaneidade, diversos estudiosos tomaram o corpo como objeto de estudo. Dentre eles, destacam-se David Le Breton que afirma que: “antes de qualquer coisa, a existência é corporal” (2010: 07). Desse modo, o corpo se torna o eixo da relação com o mundo e deixa de ser visto apenas a partir de uma perspectiva biológica, mas como “uma construção simbólica” (PORTER, 1992: 297), algo que os sociólogos e antropólogos há algum tempo vinham fazendo.

O corpo faz, assim, sua entrada triunfal na pesquisa em ciências sociais: J. Baudrillard, M. Foucault, N. Elias; Bourdieu, E. Goffman, M. Douglas, R. Birdwhistell, E. Hall, por exemplo encontram frequentemente, pelos caminhos que trilham, os usos físicos, a representação e a simbologia de um corpo que faz por merecer cada vez mais atenção entusiasmada do domínio social. Nos problemas que esse difícil objeto levanta, eles encontram uma via inédita e fecunda para a compreensão de problemas mais amplos ou, então, para isolar os traços mais evidentes da

modernidade. [...] Dedicam-se de modo mais sistemático a desvendar as lógicas sociais e culturais que se imbricam na corporeidade. (LE BRETON, 2010:08)

Diante desse quadro epistemológico, o corpo da garota de programa é visto como um espaço social “do qual fazem parte elementos sócio-culturais, que comunicam significados e simbologias do grupo. Assim, os corpos, na esfera da ação dessas mulheres, tornam-se espaços sobre os quais se inscrevem significados sociais e culturais” (PASINI, 2000: 183). Por isso, a tarefa aqui empreendida consiste em compreender de que maneira as mulheres pesquisadas utilizam significam e resignificam seus corpos durante a interação social em situações rotineiras no interior de um cabaré. À luz de Erving Goffman, concebe-se, nesta pesquisa, a interação como aquela que ocorre face a face podendo ser definida como

a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física e imediata. Uma interação pode ser definida como toda interação que ocorre em qualquer ocasião, quando, num conjunto de indivíduos uns se encontram na presença imediata de outros (GOFFMAN, 1985: 28).

Foi, portanto, a partir da metáfora da perspectiva dramatúrgica (GOFFMAN, 1985) que investiguei a maneira como as garotas de programa se apresentam em situações rotineiras aos clientes, os meios, isto é, os recursos utilizados para tal, bem como as lógicas que fundamentam os usos sociais do corpo.

## **2. Etnografia no bordel**

Para alcançar os objetivos propostos neste trabalho, foi necessária a escolha de uma metodologia antropológica que me permitisse observar e coletar dados dessa realidade social. Por isso, optei pelo método etnográfico, a partir das lições de Bronislaw Malinowski (1979); Clifford Geertz (1978) e Ives Winkin (1998), por ele permitir-me olhar, compreender e conviver com meu objeto de estudo, captando tanto as práticas quanto a visão de mundo dessas mulheres em seu próprio cotidiano.

Para Clifford Geertz, a definição de etnografia vai além de estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, mapear campos e manter um diário. O que a define seria o esforço intelectual para uma “descrição densa”. Nesse caso, claramente entendida como modelo de escrita oposta à “descrição superficial”.

A etnografia é uma descrição densa. [...] Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 1978: 20).

Como bem apontado por Geertz, o antropólogo em campo depara-se com suspeitas, incoerências, comentários tendenciosos que, juntos ou individualmente, formam uma verdadeira armadilha, para as quais ele precisará estar preparado.

A antropóloga Ruth Cardoso (1986), ao discutir sobre *como escapar das armadilhas do método*, esclarece que a convivência e afetividade geradas por laços de amizades permitem chegar mais perto e mais fundo nos significados. Nessa relação, o pesquisador se envolve completamente e, por isso, seus valores ou sua visão de mundo deixam de ser obstáculos e passam a ser condição para compreender as diferenças e superar o etnocentrismo.

Ao escolher para esta pesquisa este método, tive o fito de cumprir as lições de Everett Hughes (1971), que enfatiza a necessidade de, ao se fazer trabalho de campo, o pesquisador tem de observar as pessoas *in situ*. Significa que cabe ao estudioso descobrir onde estão as pessoas pesquisadas, permanecer com elas em uma situação que permita tanto a observação íntima de certos aspectos de seu comportamento, como descrevê-las de forma útil para a ciência social, sem causar prejuízo para as pessoas observadas.

Para cumprir o descrito por Hughes, além da observação participante de forma sistemática, optei também pelo registro em diário de campo, entrevistas semiestruturadas e diálogos informais. Escolhi essa técnica para compreender o universo investigado por acreditar que, por meio desse método, é possível olhar e compreender as práticas e os discursos dos sujeitos estudados, suas dinâmicas cotidianas, seus comportamentos individuais e coletivos, bem como me permite compreender o ponto de vista das mulheres no contexto de prostituição.

Como esclarece Don Kulick, a resolução do enigma etnográfico implica em:

estar presentes em interações situadas dentro de um contexto e tenta explicar a lógica não manifesta que dá sustentação a essas mesmas interações – lógica que permite às pessoas agirem de determinados modos tidos como naturais, e possibilita que as pessoas digam coisas a outras pessoas, com a expectativa de serem compreendidas (KULICK, 2008, p. 35).

Essa metodologia se mostra útil ao proporcionar ao pesquisador a possibilidade de coletar o máximo possível de dados referentes ao grupo estudado. Segundo Howard Becker,

o pesquisador de campo, inevitavelmente, devido à sua presença contínua, coleta muito mais dados e, num certo sentido a ser explicado, faz e tem condições de fazer mais testes de suas hipóteses do que os pesquisadores que usam métodos mais formais (BECKER, 1999, p. 71).

Além da observação participante com registro em diário de campo, decidi-me, neste estudo, pela utilização da entrevista semiestruturada. Nessas entrevistas, utilizei um tópico guia que me foi útil como lembrete em situações de esquecimento sobre o que perguntar.

O tópico guia é, contudo, como sugere o título, um guia, e não nos devemos tornar escravos dele, como se o sucesso da pesquisa dependesse só disso. O entrevistador deve usar sua imaginação social científica para perceber quando temas considerados importantes e que não poderiam estar presentes em um planejamento ou expectativa anterior, aparecerem na discussão (GASSKEL, 2002, p. 67).

Durante as entrevistas, procurei seguir um truque revelado por Becker, perguntar “como” ao invés de por que, conforme explica o autor:

quando entrevistava pessoas, se lhes perguntava por que haviam feito algo, provocava inevitavelmente uma resposta defensiva. Quando, por outro lado, eu perguntava como alguma coisa havia acontecido minhas perguntas funcionavam bem. As pessoas davam-me respostas longas, contavam histórias cheias de detalhes, forneciam-me explicações que incluíam não só suas razões para o que quer que tivessem feito, mas também a ações de outros que haviam contribuído para o resultado em que eu estava interessado (BECKER, 2007, p. 89)

Em linhas gerais, meu objetivo aqui foi apresentar as potencialidades que a etnografia oferece. Portanto, passo agora a expor, em linhas gerais, como foi minha inserção em campo.

Em síntese, após ter escolhido o método etnográfico, esta pesquisa foi realizada com base no alicerce construído entre a interação do pesquisador com o universo pesquisado. Por não ter ninguém que pudesse apresentar-me para alguma garota de programa ou dona de cabaré, negocieei com Geni – proprietária de um bordel – minha entrada em campo. Esse trabalho exigiu a escolha de um fazer etnográfico apropriado que me permitisse sair do *status* de estranho, posição que ocupei no início da investigação e passasse a ser considerado alguém próximo. Em princípio, minha presença as deixava inibidas. No entanto, com o



passar do tempo, relações de amizade, seguindo as orientações da antropóloga Ruth Cardoso (1986), foram estabelecidas.

No caso desta investigação as amizades me favoreceram, tendo em vista que passei a ser convidado para participar dos momentos de lazer das garotas de programa, incluindo churrascos, festas, bailes, banhos de rio e banhos de sol. Enquanto no interior do bordel pude desempenhar algumas funções como: taxista de cabaré, segurança, garçom, lavador de copos, caixa, entre outros.

Dessa maneira, a elaboração desse estudo baseia-se em pesquisa de campo desenvolvida durante seis meses, onde pude conviver intensamente com as garotas de programa, sendo que em determinadas noites, a convite da proprietária do bordel, dormi no ambiente pesquisado. Com esse trabalho de campo pude coletar o máximo possível de dados que se encontram registrados em diários de campo, entrevistas semiestruturadas, realizadas com a utilização de gravador, além de diálogos informais e um amplo arquivo de fotografias. Sobre os detalhes metodológicos dessa pesquisa, vide ALVES (2010).

### **3. Os usos sociais do corpo durante a interação social**

Por mais que pareça que o dinheiro assuma o plano central das interações entre garotas de programas e clientes, é preciso, no entanto, atentar para o fato de que no cabaré a centralidade gira, num primeiro plano, em torno dos usos sociais que as garotas fazem do próprio corpo para, em seguida, num segundo plano, vir a questão monetária. A guisa de exemplo, pensemos na negociação de um programa. Quando se contrata um programa, subentende-se que será realizado o considerado, por elas, “normal”. Nessa modalidade o corpo da garota de programa é utilizado apenas para o sexo vaginal e oral, caso o cliente opte pelo chamado “sexo completo”, na negociação inclui-se a realização de sexo anal. No entanto, nesse contexto, independente da disposição em recompensá-la financeiramente, o que está em xeque é se a garota dispõe ou não do corpo para a realização do serviço solicitado pelo cliente. É somente no universo das prostitutas, que utilizam o corpo para a realização de sexo anal, que a concretização ou não dessa modalidade de programa, é definida pelo bolso do cliente, haja vista que o valor cobrado pelo completo geralmente é superior ao dobro do exigido pelo normal.

Bom... a tabela de preço, levando pela dor, pelo gasto de creme que você vai ter que passar, a pomada, é sempre elevado o mais. O programa normal, que o povo fala normal, eu chego a cobrar cem ou cento e cinquenta. Agora o completo, você pode jogar aí, uns duzentos e cinquenta trezentos reais. (Camila)

No entanto, no interior de uma zona de meretrício, não são todas as garotas que dispõem do próprio corpo para a realização do sexo anal. No curso da interação é preciso que o cliente tome o cuidado para saber se a mulher aceita praticar ou não essa modalidade de relação sexual, para não ouvir expressões como: “vai comer o cu da sua mãe” ou “você deixa eu comer seu cu por esse valor que você está me oferecendo?”.

Tem uns que falam: você faz sexo anal? Há, uma pergunta normal. Isso não vai ofender ninguém. Ou, você é completa? Aí cabe à gente responder ou não, se é ou não é completa. Mas não ofende. Tem gente pra tudo nesse mundo... que vai logo perguntando se a gente dá o cu. A resposta... eu dou uma olhada na cara do cidadão e falo: olha cu não se compra. Cu se conquista. É lógico que eu não vou... Se ele foi grosseiro dessa forma de perguntar, imagina na hora da cama? Me arreventa no meio. Então não vale. {risos} não tem como. (Camila)

Como não são todas as garotas dispostas a prestarem esse tipo de serviço, é perceptível que o dinheiro deixa de assumir o plano principal da interação, sendo que a centralidade recai sobre os usos sociais que cada uma faz do próprio corpo. Entre as garotas de programa há um consenso sobre os limites simbólicos corporais, de modo que algumas regiões do corpo ou práticas sexuais não são disponibilizadas aos clientes, pois são reservadas apenas para as pessoas por quem elas nutrem sentimento afetivo, geralmente os ficantes, namorados ou maridos. Isto é, antes de pensar na questão meramente financeira, é preciso atentar para a maneira como elas usam o corpo, levando em consideração as interações e sociabilidades mantidas com seus respectivos parceiros fora do cabaré.

Camila, por exemplo, negocia o sexo anal. Mas não dorme com clientes. Isso na zona se chama “pegar pouso”. Para ela, partindo do princípio dos usos sociais que faz do próprio corpo, se dispor a dormir com alguém é algo muito íntimo e que só pode ser realizado com quem se tem um sentimento afetivo. Ela também não negocia aquilo que é o mais comum de o dinheiro não ter poder intermediador no universo da prostituição; o beijo na boca. O máximo que algumas garotas fazem com o corpo nessa situação de beijos é praticar, aquilo que elas denominam de “selinho”, que é um beijo onde não há o contato entre línguas. Pois,



segundo essa garota, utilizar do corpo para beijar é uma prática que só deve ser realizada com o namorado. Para ela a regra é:

a língua no meu ouvido para cliente é fora do normal. Isso não existe vir enfiando o dedo a língua... beijar na boca não tem lógica. Vim pra beijar na boca, todos sabem que, a maioria das garotas de programa não foram feitas para beijar na boca. Foram feitas para beijar na boca de baixo e não beijar a boca de cima. (Camila)

Jô, por sua vez, dispõe do próprio corpo para beijar clientes. No entanto, não realiza sexo anal com seus fregueses. Ao definir os usos sociais de seu corpo, ela estabelece uma fronteira corporal entre o que é permitido para o marido e o que é permitido para os clientes, de modo que dispõe do corpo para a realização de sexo anal somente quando o parceiro é seu marido.

Por outro lado, Mel se utiliza do próprio corpo para fazer sexo anal com seus clientes, mas reserva a boca para o namorado. “Acho que o beijo é mais íntimo, tem que haver sentimento, sexo não, sexo você vai ali no escuro, abriu as pernas e pronto, mas o beijo não, o beijo tem que haver sentimento” (Mel). “Eu acho assim que pra gente beijar na boca a gente tem de sentir muita atração por aquela pessoa (Cristina)”.

beijo, é uma coisa, eu acho que é uma coisa muito mais íntima do que o sexo. Porque você pode muito bem chegar numa festa e gostar de um, no meu caso é um carinho que estava gostando, ‘ah, vamos dá uma’. Vamos lá, pápum, rola e beija. Às vezes você está brigada com a pessoa que você está junto e vocês fazem amor, transam, alguma coisa assim, num rola um beijo, porque beijo é um conjunto de coração, de alma, ali é onde você se expressa, aí você vai abraçar, você vai cheirar, você vai... Então, eu acho que é uma das coisas que o dinheiro pra mim não paga. Num vou dizer pra você que eu nunca beijei clientes, já, já beijei. Com selinho, agora aquele beijo gostoso de tipo desentupidor de pia. Num vira, num dou conta. (Tamires)

Outro aspecto corporal que se constitui no divisor simbólico entre a atuação profissional e o sentimento de afeto é o fato de nenhuma delas terem assumido ao longo da pesquisa a realização de programas sem usarem preservativos. No entanto, relatam que com os namorados essa exigência é deixada de lado. Nessa concepção, o uso de preservativo está associado à figura do cliente.

Essas são algumas das razões que permitem concluir que o dinheiro não assume o plano central da interação, pois antes do critério financeiro, a concretização ou não do programa é definida a partir dos usos sociais que a garota faz do próprio corpo.

#### **4. Os usos sociais do corpo em contexto de violência de gênero**

O relato etnográfico abaixo tem o objetivo de conduzir o leitor ao cotidiano de uma garota de programa que, por consentimento próprio, utiliza o corpo para o recebimento de violência física de gênero, mediada pelo dinheiro. É mister considerar que, a exemplo dos casos acima relatados, não são todas as garotas que dispõem do corpo para apanhar dos clientes. Isto é, quando o interesse do cliente reside em negociar um programa, incluindo agressão física, antes da disposição em recompensar financeiramente a garota pela violência de gênero, é preciso compreender os usos sociais que ela faz do corpo. Pois desse modo, é possível verificar se a mulher dispõe ou não do corpo para essa prática de violência.

Em uma noite de sábado, Camila, enquanto retocava a maquiagem em frente ao espelho do corredor central, é abordada por Geni que lhe informa sobre a chegada de Denis e descreve sua tara sexual - dar tapas no rosto da mulher, mas que paga muito bem por isso. A sugestão de Camila é que indique o cliente para a Tamires, pois ela já o atendeu em diversas outras ocasiões e estaria acostumada com os tapas. A garota indicada, no entanto, estava no quarto fazendo outro programa. Por falta de alternativa, acrescida da motivação financeira, tendo em vista que em determinadas ocasiões Denis pagou até seis vezes mais que o valor normal do programa por causa da tara, Camila não hesitou em atendê-lo.

Naquela noite eu estava no cabaré, pois, após o fechamento da casa, havíamos combinado de ir ao baile, quando disporia meu carro para levar as garotas. Percebi que Denis conduziu Camila imediatamente para o quarto sem fazer a “famosa sala”. Geni comentou comigo que essa atitude se dá em função de seu instinto machista, ele não gosta de conversar e interagir no salão, só faz isso no quarto. Passados vinte minutos, enquanto limpava as mesas dos fundos, vejo Camila sair chorando em direção ao seu quarto com o rosto todo vermelho. Percebi que algo de anormal havia acontecido e pedi se poderia acompanhá-la. A resposta foi positiva.

Dado o visível estado de nervosismo da garota, que acabara de fazer um programa, pedi se, somente naquele momento, ela permitiria que eu gravasse uma rápida conversa com o intuito de entender o que acontecera. Recebida a autorização, sem que nenhuma garota

percebesse o que estava acontecendo, fui ao carro, peguei o gravador e voltei para o quarto de Camila. Minha primeira pergunta foi: “o que aconteceu no quarto com você que seu rosto está todo vermelho?” A resposta segue abaixo. Decidi deixá-la na íntegra para que o leitor possa sentir a emoção mais próxima possível da que experimentei, diante da violência de gênero legitimada e “descriminalizada”<sup>2</sup> pelo dinheiro, que permitiu pouca ou quase nenhuma forma de resistência. Faço o registro da dificuldade que tive na transcrição, tendo em vista que os constantes soluços, somados ao choro, que tornaram a voz da entrevistada trêmula. Assim, ao invés de falar por ela, deixo que ela fale por si mesma.

Eu sabia que o Denis gostava de bater. Mas achava que era tapa, tapinha. Eu nunca tinha dado pra ele. Aí lá no quarto eu virava o rosto de um lado e pá um tapa, virava do outro e pá outro tapa! Aí eu pensava: ‘bate seu filho da... bate pode bater’. E ainda tinha de falar que estava bom, que eu estava gostando. Tem base um trem desse...

Ele me viu chorando e perguntou: ‘Você está chorando?’

- ‘não, não é suor’. E meu olho estava todo inchado. Ele não podia ver que eu estava chorando. Eu chorava passava a mão no rosto e pensava, ‘beleza né, fazer o quê?’

Ele perguntou se estava doendo. Eu tive de dizer: ‘não! Está ótimo.’ Ele não aceita ser contrariado.

Aí eu pedi pra ele: ‘pode bater em qualquer lugar. Mas, por favor, proteja minha boca. Não acerta minha boca’. A única coisa que eu pedi: ‘minha boca não!’ Se acertasse a boca além de doer, ia machucar. Já pensou eu ficar com a boca toda machucada.

Ele falou ‘tá bom!’

Ali a mulher pode apanhar. Não pode sentir dor. Pode levar cacetada.

Hôôô... se você imaginasse os tapas, só de imaginar que lá do lado de fora não tinha como ninguém perceber, por causa do som alto. Eu chorei. Dentro do quarto, eu chorei. E só se ele for muito burro pra não perceber que eu chorava. Aí eu trancava o rosto e falava: ‘bate!’ Não tinha como falar que estava doendo, sabe?. Aí um tapa, pá. O outro pá. Aí eu trancava o rosto e falava: ‘vai... vai...bate... pelo amor de Deus, mais rápido!’ (eu pensava: “bate logo para ir mais rápido e eu ficar livre logo”).

Ele deu cada tapa... professor de Deus? Pensa num tapa de um homem, sabe? Na bruta? Pá! Você tinha de virar a cara. E pá! Você tinha de virar a cara de novo. Ai eu olhava e falava: “nossa, Denis, calma!” Ele disse: ‘não! Você sabe que eu sou assim. Eu to pagando!’ Não tem explicação não. Ele faz o que ele quer. Aí ele batia só no rosto e nas pernas. Eu colocava os joelhos próximo ao meu peito e ele batia. Era cada tapa, professor de Deus, era a mesma coisa de estar apanhando de um pai.

Nossa, mais doía. Meu Deus do céu. Fiquei toda marcada.

Aí terminou e eu pensei: como é que vou sair lá fora, assim toda marcada.

Aí ele falou: ‘vamos lá comigo acertar a conta.’ Eu falei: ‘pode ir lá. Vai lá

<sup>2</sup> Utilizo o termo descriminalizado entre aspas, em função de a atitude tomada pelo cliente se constituir em um crime, devidamente amparado pela Lei Maria da Penha. No entanto, no universo da prostituição à medida que você externaliza a vontade de bater e se dispõe a recompensar financeiramente a pessoa agredida, com um valor acima da média, esse ato, internamente, deixa de ser crime.

você.’ Eu tive de vir aqui pro meu quarto me arrumar, passar uma maquiagem uma base para esconder as marcas e estar pronta para o próximo programa.

Essa situação se configura naquilo que Pierre Bourdieu considerou como *ser percebido*, no qual a garota não teve plena autonomia de seu corpo, mas antes sofreu uma forma de dominação masculina legitimada e descriminalizada pela disposição em recompensá-la financeiramente. Isso é tão impactante que, mesmo contrariando os princípios dos usos sociais do corpo da garota de programa, o dinheiro gerou a aprovação do ato de violência pela própria dominada. Nessa forma de se legitimar a violência, a profissional do sexo se insere numa relação de dependência em que, à luz de Pierre Bourdieu (1999) esta existe primeiro pelo e para o olhar dos outros.

Raissa também sofreu violência de gênero na forma de agressão ao próprio corpo. Mesmo assim, após receber o tapa, trocou de roupa e continuou a interação com o agressor.

Teve uma vez que eu tinha bebido com o cliente, eu tinha 16 anos. E ele era doido por casa de mim, só que ele tinha um olhar meio perigoso, aí ele falou assim pra mim, era a noite já. Ele falou, ‘vou embora’, e eu falei, então tá, tchau. Ele foi embora e eu fui atender outro cliente, e ele cismou e voltou pra trás, porque ele já estava gostando de mim, e pensou ‘vou voltar pra aquela vagabunda porque ela deixou eu ir embora sem falar nada, se ele não pediu pra eu ficar é porque ela vai dá pra outro’. E ele já estava com ciúme. O que aconteceu ele chegou na boate, me jogou uma copada de cerveja na minha cara e me deu um ‘surdão’ e nisso a hora que ele chegou ele entrou com o carro dentro da boate. A hora que eu vi ele, eu cheguei gelar. Pensa num surdão bem dado. Doeu. E o que eu fiz. Sai e fui no banheiro, tomei banho vesti um vestidinho vermelho bem curtinho e ele falou, ‘o que você vai beber?’. Campari. ‘Desce um litro pra ela’. Desceram o litro e eu bebi com ele. E continuei com ele. Mas ele gastou um dinheiro comigo nesse dia. Aquele tapa na orelha ficou caro no bolso dele. (Raíssa)

Nesse sentido, em alguns casos além de legitimar a violência de gênero, o dinheiro assume uma característica simbólica, a ponto de fazer com que algumas garotas não levem em consideração o tapa que acabaram de receber e voltem à interação como se nada houvesse acontecido, ainda com a sensação de que esteve no lucro diante desse infortúnio, à medida que exige mais recompensa financeira pela companhia prestada.

A não adjetivação de violência de gênero como física, adotada por esse texto, se dá em função de existir aquelas que não ocorrem pela força física masculina, mas sim por palavras, gestos e atitudes, conforme ilustram os seguintes relatos:

Foi só subir no palco que ele começou me chamar de macaca. {macaca é a mulher que não se depila}. Fábio você mesmo é testemunha ocular que não é verdade. {Se referindo ao fato de eu ter presenciado ela nua, enquanto fazia strip-tease, por diversas vezes durante a fase da observação participante} E falava: ‘que coisa horrórosa, quer que eu pague um prestobarba pra você’. E aquilo foi me constrangendo. (Tamires)  
Igual teve um dia, só porque eu não deixei ele ficar me alisando ele começou a me xingar de prostituta. Porque eu acho que ninguém deve humilhar ninguém, todo mundo acho que é igual, pode ser homem, pode ser mulher, porque todo mundo tem os seus defeitos, não gosto de humilhar ninguém, se eu estou naquela vida é porque eu tenho um objetivo. (Cristina)

Tamires e Cristina não ficaram com nenhum hematoma pelo corpo. No entanto, os termos “horrórosa” e “prostituta”, utilizados de forma pejorativa, marcaram-nas e elas descrevem tais sentimentos nos depoimentos acima, lembrando como foram hostilizadas publicamente em função dos usos que fazem do próprio corpo.

Mary Susan Miller, ao investigar as diferentes formas de abuso não físico protagonizado por homens, relata que a violência que não inclui danos corporais continua num canto escuro do armário para onde poucos querem olhar. O silêncio indica que as feridas não deixam cicatrizes no corpo. As mulheres agredidas têm medo de olhar para as feridas que marcam suas almas. O não olhar, entretanto, não significa que elas não estejam lá (1999: 20).

O abuso não físico se impõe de diferentes maneiras na interação, incluindo formas de violência simbólica tais como: medo, ameaças, submissão à vontade alheia, entre outros. Ele é utilizado como um meio para o exercício de poder. Há aqueles que abusam não pelo prazer de infligir a dor, mas sim pela necessidade de controlar. O controle significa seu fim em si mesmo.

Por vezes o agressor começa com uma reclamação. Momentos depois desvia-se para críticas constantes. Em seguida, xingamentos e tom alto de voz se fazem presentes. O resultado é que, enquanto para o homem isso não é considerado um problema, a garota de programa é envergonhada em público com gritos e humilhações.

Para suportar esse abuso emocional, a prostituta acaba por negar seus sentimentos e vontades, numa clara submissão à dominação masculina. “Embora seus ossos não sejam nunca sejam quebrados, sua carne nunca seja queimada, seu sangue nunca seja derramado, mesmo assim ela é ferida. Sem autoconfiança e autorrespeito, ela vive vazia, sem uma identidade pela qual se expressar. Cede o controle de sua vida ao seu vitimizador (MILLER, 1999: 20)”.

## 5. Os cuidados com o corpo: entre “truques” e “segredos”

Durante o ciclo menstrual, a maioria das garotas dispõe do corpo para trabalhar normalmente. No entanto, se preocupam em esconder a menstruação para não perderem nenhum programa em função disso. Nessas situações, torna-se comum inserirem na vagina, algodão umedecido com creme vaginal para estancar o sangue. A utilização do creme impede que fiquem resquícios de algodão no interior do órgão sexual feminino.

Êita nósis... Todas usam. Todas assim, vamos por aí... de noventa e nove por cento, noventa faz, ou noventa e cinco faz, porque não tem como. É uma bolinha de algodão que você acha que vai dar ali pra fazer relação, passa uma pomada vaginal, e xiii... lá dentro. Você não pode pôr ele molhado com água ou seco. Porque até pra passar seco, meu Jesus, é uma dureza. Mas com a pomada não solta película. Porque daí ele está bem protegido com bastante pomada. Então ele não vai soltar película. Aí pra retirar é agachar fazer força como se fosse fazer cocô, e por o dedo e catar ali dentro que você consegue tirar ele normal. Ele não vai pra dentro. Pode ir de boa normal que não vai acontecer de vazar e nem do cliente sentir. (Mel)

Ao relatar esse truque corporal, Mel lembrou de uma situação em que ficou preocupada imaginando que teria de ir ao médico para retirar o algodão. Na ocasião, ela fez um programa com um cliente cujo pênis era considerado maior que o tamanho normal.

Aconteceu de suar e ficar ali abaixada e ai não vai sair, não vai sair, mas, acabou saindo. Você passa um sufoco, mas, ele sai. Depois você dá umas voltinhas, que você quer desestressar, porque quanto mais você assusta, mais o útero contrai pra cima. Mas chega lá. Dá uma volta, deita, senta. A melhor coisa é você movimentar. Quanto mais você movimentar ele vai descendo pra baixo. Quanto mais você relaxa aí, uma hora ou outra, quando você estiver relaxada ele tá ali na portinha aí puxa. (Mel)  
Eu não gosto de usar algodão. Como não posso ficar sem trabalhar, eu corto a menstruação com a pílula. É só não parar de tomar naquele semana que tem de parar, que ele não desce. Aí quando você quiser que desce, é só parar de tomar que vem. (Mel)

Para evitar que durante o ato sexual elas possam ser machucadas por alguns clientes, a forma de evitar esse infortúnio é a de transar de bruços com a parte inferior das costas levemente inclinada. Dessa forma, a mulher consegue controlar a penetração masculina. “Eu que comando. Porque de quatro é muito feio. Por cima, meu Deus... eu não vejo lado pra dar por cima. Mais é deitadinha. Deitada mesmo eu dou conta ali de comandar beleza” (Camila).



### **Algumas considerações finais**

Estas são as noites de cabaré onde, segundo as garotas de programa, tudo o que acontece, por questão ética, não pode ser verbalizado do portão para fora. Tive a intenção de apresentar com este trabalho, as diversas faces de uma mesma realidade, quando se envolvem os usos sociais do corpo. Realidade esta, que pode não ser apreensível numa primeira visita, mas é nesse sentido que a etnografia se apresentou como a ferramenta mais apropriada. Ela me permitiu compreender a interação nesse ambiente a partir das falas dos próprios sujeitos, do seu jeito, à sua maneira. Por fim, tentei descrever de que maneira as garotas de programa operam os usos sociais do corpo, tendo em vista que as interações no cabaré não são marcadas exclusivamente pelo aspecto mercantil. Pois, entre as garotas de programa há um consenso sobre os limites simbólicos do corpo, de forma que algumas regiões do corpo ou práticas sexuais são reservadas apenas para as pessoas por quem elas nutrem sentimento.

### **Referências**

- ALVES, F. L. (2010) **Noites de cabaré: prostituição feminina, gênero e sociabilidade**. São Paulo: Arte&Ciencia.
- BECKER, H. (1999) **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec.
- BECKER, H. (2007) **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BOURDIEU: (1999) **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- CARDOSO, R. (1986) As aventuras antropológicas em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, R. (org.) **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FERREIRA, V. S. (2009) **Elogio (sociológico) à carne: a partir da reedição do texto “as técnicas do corpo” de Marcel Mauss**. Conferência para a sessão de lançamento da Coleção Arte e Sociedade, do Instituto de Sociologia, na Faculdade de Letras da Fundação Universidade do Porto, em 26 de novembro de 2009. Disponível em: < [www.lettras.up.pt/isociologia/uploads/files/Working37.pdf](http://www.lettras.up.pt/isociologia/uploads/files/Working37.pdf) > Acesso realizado em 10/06/2011.
- GASKEL, G. (2002) Entrevistas individuais e grupais. In: GASKEL, G. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som**. Petropolis: Vozes.
- GEERTZ, C. (1978) **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar.

- GOFFMAN, E. (1985) **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes.
- HUGHES, E. (1971). O papel do trabalho de campo nas ciências sociais. In: JUNKER, B. **A importância do trabalho de campo: uma introdução às ciências sociais**. Rio de Janeiro: Lido.
- KULICK, D. (2008) **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. Tradução de Cesar Gordon. Rio de Janeiro: EdFiocruz.
- MALINOWSKI, B. (1979) **Os argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural.
- MILLER, M. S. (1999) **Feridas invisíveis: abuso não-físico contra mulheres**. Tradução Denise Maria Bolanho. São Paulo: Summus.
- PASINI, E. (2000) Limites simbólicos corporais na prostituição feminina. **Cadernos Pagu** (14) 2000: pp.181-200.
- PORTER, R. (1992) "História do corpo". In: BURKE: **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: EdUnesp.
- WHITE, W. F. (1974) A sociedade das esquinas: a estrutura social de uma favela italiana. In: RILEY, M. W; NELSON, E. E. **A observação sociológica: uma estratégia para um novo conhecimento social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- WHITE, W. F. (1990) Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, A. Z. (org.) **Desvendando as máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- WINKIN, Y. (1998) **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. São Paulo: Papirus.